

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 12, número 1 (2021)  
ISSN: 2177-2886

## Resenha

### ***Queer Sites in Global Contexts: Technologies, Spaces, and Otherness, de Regner Ramos, Sharif Mowlabocus***

*Queer Sites in Global Contexts: Technologies, Spaces,  
and Otherness, de Regner Ramos, Sharif Mowlabocus*

*Queer Sites in Global Contexts: Technologies, Spaces,  
and Otherness, by Regner Ramos, Sharif Mowlabocus*

**Henrique Cintra Santos**

Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil  
henriquecintra@outlook.com

Como citar este artigo:

SANTOS, Henrique Cintra. Resenha: *Queer Sites in  
Global Contexts: Technologies, Spaces, and  
Otherness*, de Regner Ramos, Sharif Mowlabocus.  
**Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**,  
v. 12, n. 1, p. 251-258, 2021. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Ao clamar por uma maior intersecção entre a Geografia e os estudos *queer*, Oswin (2006) sublinhou a imprescindibilidade de se superar uma compreensão *queer* embasada restritamente em concepções ocidentais sobre sexualidades e identidades. A autora notou a relevância em descentralizar o Ocidente do local da fixidez identitária e superar noções que se restringem a uma narrativa de homogeneização global das identidades *queer*. Portanto, seria urgente não apenas se voltar para as experiências dissidentes do não-ocidente como visitar as próprias noções pelas quais se compreende o Ocidente. Em outro artigo Oswin (2008) potencializou a sua proposta, defendendo apreender os locais de sociabilidade *queer* sem considerar as identidades como algo fixo, levando em consideração principalmente a interseccionalidade que atravessa tais espaços. Nesse sentido, a obra *Queers Sites in Global Contexts – Technologies, Spaces and Otherness*, publicada em 2020, é uma contribuição de excelência não apenas para a Geografia, mas para as Ciências Humanas como um todo, particularmente devido ao seu caráter transdisciplinar. Para além de se voltar ao Sul Global, evidenciando noções de espaço e resistência *queer* pós-coloniais, uma preocupação interseccional com os sujeitos e os espaços atravessa a obra.

Regner Ramos, organizador da obra e professor da *Universidad de Puerto Rico*, inaugura a discussão com seu capítulo centrado nas interseções entre redes sociais, espaços urbanos e identidades LGBTQ+ na capital porto-riquenha San Juan. A partir de um caso de transfobia em um dos bares da capital, Ramos traça o caráter descentralizado e fluido dos vértices de sociabilidades *queer* em San Juan. Tal inconstância e o trânsito desses territórios pela capital são tomados de forma paradoxal, já que ao mesmo tempo que denotam uma potente "normalização" da visibilidade *queer* no centro urbano, também mostram uma comunidade *queer* carente de posse legítima sobre seus espaços. Para além de notar o protagonismo das redes sociais nas tensões e organizações desses espaços, é o estilo textual do autor que desponta durante a leitura. Ao apresentar um texto intercalado entre fragmentos diversos (postagens do *Twitter*; declarações de informantes; reflexões teóricas), o professor arquiteto propõe um acesso multidirecional à discussão, sugerindo ao leitor a escolha livre para uma leitura linear ou não do trabalho. Além disso, o capítulo não apresenta uma conclusão findada, mas procura produzir um contínuo engajamento na discussão. Essa abertura – tanto estilística textualmente quanto da argumentação – é empreendida não apenas para atestar o caráter de ruptura e instabilidade que os espaços *queer* contêm, mas também como uma provocação às formas canônicas de produção do conhecimento científico. Nesse sentido, Ramos parece empreender uma metodologia *queer* consciente da sua natureza carniceira (HALBERSTAM, 1998), já que a exclusão e a violência que se colocam sobre tais corpos produzem uma série de apagamentos e significa para a pesquisa o trabalho com "pedaços" incompletos e não lineares sobre a existência *queer*.

A contribuição de Sharif Mowlabocus, o segundo organizador da obra e professor na *Fordham University*, embarca nas investidas do aplicativo *Grindr* – destinado ao público LGBTQ+ - a fim de lidar com as contínuas denúncias de racismo, transfobia, classicismo, gordofobia, entre diversos outros discursos violentos entre os usuários da plataforma. Mowlabocus se debruça, então, sobre

o projeto *Kindr* lançado pela empresa em 2018 e as limitações dessas ações. Se por um lado o aplicativo propôs uma ferrenha ação contra tais incidentes entre os usuários, a restrita aplicabilidade da iniciativa restringiu seu êxito. Enquanto Miles (2021) analisa a criação híbrida de novos espaços *queer* através do uso de aplicativos como o Grindr – com o qual qualquer local possui potência para se tornar um atravessamento *queer* – Mowlabocus percebe como, mesmo com o projeto *Kindr*, as próprias funcionalidades do aplicativo, especialmente os filtros, possibilitam a formação de espaços *online* excludentes por meio de noções de classe, raça, corpo, entre outras variantes. Assim, até que ponto o *Grindr* realmente propicia a formação de territórios de sociabilidade LGBTQ+ respeitosos e plurais se um usuário pagante – o que já atrela o poder de filtragem às hierarquias de classe – pode ativar um filtro e excluir de seu espaço *online* sujeitos negros ou latinos, por exemplo? Dessa forma, o capítulo de Mowlabocus compreende as dinâmicas da formação de espaços *queer* de interação e chama a atenção para o reconhecimento do atravessamento público, cultural e social em noções como sexualidade e desejo.

Ged Ribas-Goody – pesquisadora transdisciplinar da *Goldsmiths University* – se debruça sobre as estratégias de cinco informantes trans e empreendidas/os diariamente em seus trânsitos pela cidade de Berlim. Ao conjugar suas percepções pessoais de quando morava na capital alemã com as tensões destacadas nas narrativas das/os participantes da pesquisa, Ribas-Goody almeja não apenas prover acepções diversas sobre seu tema, como também defender a produção de noções metodológicas *queer* em relação ao que usualmente é aceito como fontes ou dados na academia. Ao relatar os critérios de defesa e/ou ocultamento adotados por tais sujeitos em seu deslocamento urbano e na ocupação de suas moradias, a autora não apenas observa as tensões com os territórios largamente homo- e transfóbicos, como também recupera projetos de organização urbana executados pelo governo berlinense nos anos posteriores a queda do Muro de Berlim. Planos com o *Hausprojekt* – a partir do largo número de apartamentos abandonados no setor oriental da capital após 1989 – são aqui revisitados pela autora e evidenciados como espaços potentes para vidas trans, mas também atravessados por tensões excludentes. Assim, Berlim é tomada pelas estratégias de sobrevivência nas margens e é mais um indício do restrito acesso à cidadania por sujeitos trans, o que deve ser discutido também em relação ao trânsito e às territorialidades urbanas.

Mabia Camargo e Eduardo Martins, ambos doutores em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, contribuem com o único capítulo centrado na América do Sul, mais especificamente na figura de Djankaw, um/a morador/a negro/a<sup>1</sup> trans de uma comunidade quilombola no estado do Paraná. O capítulo utiliza o perfil do Instagram de Djankaw a fim de observar como as subjetividades que a/o quilombola empreende em seu perfil operam como resistência às tentativas de posse de suas terras por parte dos entraves políticos e policiais da região sob o controle das elites locais. Ao apontar o uso das *geotags* no Instagram de Djankaw, por exemplo, os autores percebem mais do que apenas uma ferramenta da rede social, mas o afirmar e a

1 Os próprios autores atestam a não fixidez da identidade de gênero de Djankaw e a necessidade da utilização textual alternada entre os pronomes e concordâncias gramaticais de gênero.

defesa de uma existência espacial do território em que a família de Djankaw vive. Além disso, ao usar termos como *Queerlombola* junto das representações de sua corporalidade e territorialidade, Djankaw não apenas afirma concepções de raça e etnia de seu povo, mas contesta a concepção hetero- e cisnormativa sobre o sujeito quilombola. As redes sociais despontam aqui mais uma vez na obra como ferramentas não apenas de produções de subjetividades, mas de territorialização *queer*.

Ben Campkin, professor na *University College London*, analisa as políticas públicas da cidade de Londres no que concerne à preservação de locais de sociabilidade *queer*. Para tal, Campkin presta especial atenção aos impactos da construção de uma grande estação de metrô – a *Tottenham Court Road Station* – e as diretrizes seguidas pelas autoridades a fim de manejar os impactos da construção. Nesse sentido, o autor nota dois casos representativos das disparidades com que o empreendimento afetou espaços *queer* na cidade de Londres. Por um lado, estabelecimentos de grande porte e firmados por interesses capitais diversos receberam uma significativa atenção e auxílio por parte das autoridades a fim de serem recompensados pela relocação de suas propriedades, como é o caso do clube G-A-Y internacionalmente conhecido. Já outros locais de pequeno porte e ligados a parcelas da comunidade *queer* historicamente ainda mais marginalizadas, como é o caso da população trans, não receberam o mesmo apoio por parte das autoridades, sendo forçados a fecharem suas portas – representados no capítulo pelo café-bar *First Out*. A análise provida sublinha não só a importância de tais estabelecimentos para a comunidade *queer* londrina, mas também observa uma preocupação política com tais estabelecimentos baseada largamente em valorizações do mercado.

Após os primeiros capítulos se concentrarem em experiências territoriais *queer* nas Américas e na Europa Ocidental, a obra se volta para as experiências árabes de HSHs<sup>2</sup>, seus engendramentos *online* e a instrumentalização da religião. Debruçar sobre as vivências *queers* no Oriente Médio é bastante relevante, especialmente em um período em que os discursos políticos em torno dos direitos humanos ligados a noções de gênero e sexualidade têm sido polarizados globalmente nas chamadas Guerras Queer (ALTMAN; SYMONS, 2016). Tais conflitos ideológicos são operados a partir dos discursos de homonacionalismo (PUAR, 2007) e promovem uma situação em que a defesa ou oposição aos direitos LGBTQ+ adentram as dinâmicas geopolíticas globais. Nesse entremeio, a situação dos HSHs no Oriente Médio desponta dentre os discursos transnacionais que operam as Guerras Queer. Khaliden Alsaleh é doutorando na *University of Sussex* e em seu capítulo lida com uma carência que percorre o recente interesse acadêmico pelas experiências de HSHs árabes: tais sujeitos são imaginados, raramente tendo suas vozes explicitadas nos trabalhos. A fim de contornar tal hegemonia representativa Ocidental sobre a sexualidade no Oriente Médio – algo que Alqaisiya (2018) chama atenção em relação ao caso palestino – Alsaleh apresenta no seu capítulo os resultados obtidos a partir de entrevistas com seus informantes moradores de países

---

2 O termo se refere a sigla “Homens que fazem sexos com homens” e equivale à sigla utilizada MSM (*Men who have sex with men*) no capítulo. A escolha em manter essa nomenclatura rediz na tentativa de não impor a tais indivíduos uma leitura ocidental sobre a sexualidade e suas manifestações.

diversos da região do Golfo Pérsico. A partir de cuidados metodológicos excepcionais para a preservação da identidade de seus informantes, o autor destaca a relevância da religião e das redes sociais na produção identitária e territorial desses indivíduos. Ainda que para muitos o diálogo sobre a religião permanece excluído das associações com sua sexualidade, para alguns informantes a manutenção diária de uma persona religiosa os blinda de indagações sobre suas sexualidades. Para o autor, tais estratégias problematizam noções ocidentais sobre as intersecções entre sexualidade, o Islamismo e o mundo árabe. Além disso, as redes sociais, como o Twitter ou o Grindr, operam como pontos cruciais para a fomentação de territórios de sociabilidade *queer*, mesmo que fluídos e dispersos. Dessa forma, o capítulo não apenas problematiza noções ocidentais sobre a experiência da homossexualidade árabe como denota a relevância de trazer as vozes desses atores para os trabalhos acadêmicos.

Com o capítulo de Jody Liu, doutoranda na *University of Southern California*, o livro se volta mais uma vez ao Norte Global, particularmente nas tensões entre certos feminismos e trabalhadoras do sexo<sup>3</sup>. A autora demonstra como a organização territorial para tais trabalhadoras do sexo foi ostensivamente impactada por discursos que almejam combater o tráfico sexual e destaca o protagonismo que plataformas online tomaram ao garantir canais de oferta e procura para os serviços prestados por elas. No entanto, o ativismo empreendido pelo feminismo carcerário – noção que nomeia uma parcela feminista que prefere medidas punitivas às ações redistributivas a fim de lidar com violências e desigualdades de gênero (p. 117) – tem colocado em risco a manutenção desses espaços digitais. Liu mostra como leis recentemente aprovadas<sup>4</sup> indicam uma predominância de noções punitivas e impactam violentamente essas trabalhadoras do sexo, especialmente aquelas negras, latinas, ou seja, interseccionalmente marginalizadas. A análise provida por Liu destaca o planejamento urbano como operador que reforça tais exclusões e que, portanto, uma maior atenção acadêmica para tais processos deve ser tomada a fim de interceder por uma descriminalização.

Se para Jody Liu a internet desponta como um espaço de resistência para as trabalhadoras do sexo, no capítulo de Lucas LaRochelle, designer e pesquisador, a internet irrompe como ferramenta para representar modos *queer* de intimidade e de produção territorial. LaRochelle se centra na apresentação e análise de seu projeto *Queering the Map*: um mapa interativo *online*<sup>5</sup> em que os visitantes podem utilizar a função de geotag e marcar locais – e suas histórias – que representam vértices de sua intimidade e territorialidade *queer*. O projeto foi iniciado pela experiência pessoal de LaRochelle durante seus trânsitos por Montreal e hoje é um repositório de memórias LGBTQ+ que formam uma representação cartográfica *queer*, superando os silenciamentos

---

3 A autora optou pelo termo *sex workers* ao invés de operar expressões como “prostituta” e a interpelação pejorativa que tal termo pode incidir.

4 Ela destaca o SEXTA (*Stop Enabling Sex Traffickers Act*)-FOSTA (*Fight Online Sex Trafficking Act*) aprovados em 2018.

5 O mapa pode ser visitado e editado no seguinte endereço:  
<<https://www.queeringthemap.com>>.

que incidem sobre tais corpos. LaRochelle se preocupa em seu trabalho em não apresentar uma análise das narrativas postadas pelos usuários a fim de resistir à imposição acadêmica de se dar uma interpretação sobre as fontes. Nesse sentido, as fontes-narrativas são apresentadas ao leitor, mas deixadas em aberto e passíveis de leituras diversas. Do mesmo modo que a metodologia do pesquisador desponta como *queer*, sua discussão atenta para o projeto *Queering the Map* como algo maior do que apenas a diversificação de narrativas, mas o “fazer *queer*” dos modos como nos relacionamos com o espaço e as representações deste. O caráter subversivo do projeto parece ter sucesso não apenas pelo número significativo de usuários na plataforma, mas pelos constantes ataques de eleitores do ex-presidente Donald Trump ao website, como *LaRochelle* relata.

Liliana Macias, professora na *Northeastern Illinois University*, também debruça sobre a produção de territórios *queers*, analisando como políticas urbanas de Chicago promoveram a formação de bairros LGBTQ+ predominantemente brancos, como é o caso de Boystown, e a construção de áreas predominantemente latinas na cidade – em que *queer* latinos se dirigem após os processos de gentrificação e violência policial em Boystown. Para observar as tensões produzidas por essa exclusão urbano-espacial a autora se volta para o grupo de transformismo (*drag*) latino Cabaret Parodia, o qual realiza suas apresentações tanto em bairros latinos da cidade, como é o caso do Little Village, como também em Boystown. A análise de Macias, para além de contextualizar a formação histórica de tais regiões e do próprio Cabaret Parodia, observa como o sucesso alcançado pelo grupo contesta tanto acepções dentro da comunidade latina – largamente pautada em noções cis- e heteronormativas – como na comunidade LGBTQ+ e a segregação interseccional que muitos dos seus locais de sociabilidade operam. Ademais, ao notar a performance de Cabaret Parodia em Boystown, por exemplo, a autora constata a presença na audiência de latinos provenientes de Little Village, residentes de Boystown e sujeitos não-*queers*, o que atesta que a performance e a contestação do grupo operam transgressões de noções raciais, culturais, linguísticas, de sexualidade, mas também sobre a organização espacial de Chicago.

O trânsito global operado pelos capítulos parte mais uma vez do Norte Global e se dirige ao contexto da homossexualidade na China. Oscar Tianyang Zhou, professor da *University of Hertfordshire*, investiga as políticas raciais que operam a cultura gay chinesa, especialmente na interação destes com outros gays ocidentais brancos no país. Dentro desse contexto, a branquitude é vista como o outro, oferecendo a esse ator ocidental um capital sexual ostensivo. Nesse sentido, raça é um operante fulcral nas dinâmicas de desejos entre homens gays chineses e ocidentais. O autor utiliza uma abordagem qualitativa que combina dados etnográficos, apontamentos pessoais e a análise de perfis em três aplicativos de relacionamento: *Grindr*, *Blued* e *Jack’d*. Uma noção extremamente ofertada pela indústria pornográfica no Ocidente – a de um gay branco ocidental masculino e o gay asiático afeminado – também informa as dinâmicas de desejo para a comunidade homossexual chinesa. O autor observa, então, as formas com que esse capital é instrumentalizado pelo visitante estrangeiro no país, destacando uma série de estratégias simbólicas

empreendidas, como a predominância do Inglês nessas interações – o que não só cria exclusões linguísticas como é artefato de manutenção do seu capital sexual pelo gay ocidental. Assim como Manalansan (1997) já destacou similarmente sobre o caso filipino, Zhou sublinha a necessidade de uma perspectiva transnacional para se estudar a cultura homossexual chinesa – atravessada por discursos transnacionais em diálogo com suas demandas locais.

Em retorno ao Norte Global, o penúltimo capítulo por Lo Marshall, pesquisadora na *University College London*, se debruça sobre as disputas discursivas do que ela chama de recente Debate Trans (ou Trans Debate) na Inglaterra. Para tal, a autora observa uma área pública de banho e recreação em Londres e a polêmica midiática e política sobre o acesso ou não de mulheres trans às áreas direcionadas restritamente às mulheres. Para tal, além de recuperar a importância histórica desse espaço, Lo Marshall se dirige às representações da imprensa que se engajaram em notar o espaço como local de resistência feminina e, portanto, necessitado de proteção de possíveis “ameaças” a tal ordem. Nessa lógica, a “ameaça” seria as mulheres trans e a “ordem” seria a restrição do local à sujeitos cis. A autora, portanto, não só sublinha os engajamentos de resistências operados por ativistas trans no país, como também recupera narrativas da importância do local para mulheres trans, evidenciando as imbricações entre planejamento urbano e vivências *queers*.

A obra se encerra com o trabalho de Ariel Beaujot e Víctor Macías-González, ambos professores na *University of Wisconsin La Crosse*. Os autores analisam o projeto *Hear Here*, em que os transeuntes da pequena cidade de La Crosse podem experimentar narrativas *queers* atreladas a diversos vértices desse território. A partir de um projeto de história oral, moradores dessa pequena cidade do meio-oeste estadunidense recuperam as memórias pessoais e de espaços de sociabilidade LGBTQ+ silenciados na história de La Crosse. Assim, os autores mostram como as identidades recorrem largamente à manutenção de percepções comuns sobre espaço e dependem de uma história compartilhada, o que significa um desafio frente aos apagamentos que a História LGBTQ+ enfrenta. Ao recorrerem às transcrições dessas narrativas durante o capítulo, os autores recuperam espaços de sociabilidade LGBTQ+ fulcrais para a história de La Crosse. Além disso, a disponibilidade de uma plataforma interativa<sup>6</sup> em que os áudios podem ser acessados desponta como uma metodologia *queer* que recusa uma história oral de acesso restrito ao pesquisador, mas que seja pública e reconfigure as percepções urbanas locais daqueles que a acessam.

*Queers Sites in Global Contexts* pretende não apenas propor um olhar *queer* para como nós nos relacionamos com os vértices urbanos e a relação destes com a intimidade LGBTQ+, mas também desconstruir preceitos eurocêntricos sobre as identidades *queer* e descentralizar do Norte Global as investigações que observam os imbricamentos espaciais, tecnológicos e as identidades LGBTQ+. Ao apresentar em cada capítulo um esquema digital do ambiente em que cada um foi escrito<sup>7</sup>, o livro reitera sua preocupação primordial com o espaço. Da mesma forma, as tecnologias despontam constantemente, seja na metodologia de análise ou nas narrativas apresentadas. O livro, portanto, junto

6 Disponível em: <<https://www.hearherelacrosse.org>>.

de sua interdisciplinaridade é uma contribuição imprescindível para toda a academia, já que não apenas torna *queer* percepções da geografia e a arquitetura, mas se expande para áreas como a história, linguística, políticas públicas, entre outras. Talvez a grande limitação da obra recaia em sua capacidade restrita em realmente descentralizar o Norte Global de suas análises. Apesar de as investigações realizadas estarem largamente embasadas em um aporte teórico *queer* e decolonial, os recortes espaciais em questão ainda largamente se voltam ao Norte Global. Tal característica não deve, entretanto, questionar a qualidade da obra, visto que um olhar *queer* não se volta apenas ao Sul Global, mas torna *queer* as próprias noções do que é Ocidente. Assim, uma maior diversidade nos recortes espaciais não é alcançada pela obra, mas a discussão nela contida certamente instiga um contínuo engajamento e pluralização espacial futuros.

### Referências

- ALTMAN, Dennis; SYMONS, Jonathan. **Queer wars**. Cambridge: Polity, 2016.
- ALQAISIYA, Walaa. Decolonial Queering: the politics of being *queer* in Palestine. **Journal of Palestine Studies**, v. 47, n. 3, p. 29 - 44, 2018.
- MANALANSAN, Martin. In the Shadows of Stonewall: Examining Gay Transnational Politics and the Diasporic Dilemma. In: LOWE, Lisa; LLOYD, David. **The Politics of Culture in the Shadow of Capital**. Duke University Press, 1997.
- MILES, Sam. Let's (not) Go Outside: Grindr, hybrid space, and digital *queer* neighborhoods. In: BITTERMAN, Alex; HESS, Daniel Baldwin (Orgs). **The Life and Afterlife of Gay Neighborhoods: renaissance and resurgence**. Cham: Springer, 2021.
- OSWIN, Natalie. Decentering *queer* globalization: diffusion and the 'global gay'. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 24, p. 777 - 790, 2006.
- OSWIN, Natalie. Critical geographies and the uses of sexuality: deconstructing *queer* space. **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 1, p. 89-103, 2008.
- PUAR, Jasbir. **Terrorist assemblages: Homonationalism in *queer* times**. Durham: Duke University Press Books, 2007.
- RAMOS, Regner; MOWLABOCUS, Sharif. **Queer Sites in Global Contexts jTechnologies, Spaces, and Otherness**. New York: Routledge, 2020.

---

7 Tal ação foi pensada especialmente para lidar com o fato de que a produção da obra foi em grande parte remotamente e em quarentena devido à epidemia do COVID-19.

Recebido em 10 de maio de 2021.

Aceito em 10 de junho de 2021.

Henrique Cintra Santos

